

UM MODELO TEÓRICO ALTERNATIVO PARA EXPLICAR OS "MECANISMOS" DA DISTÂNCIA SOCIAL EM GRUPOS DE ANIMAIS SUPERIORES

Antonio Souto*

1. UMA INTRODUÇÃO À TEMÁTICA DA DISTÂNCIA SOCIAL E OBJETIVO DO PRESENTE ARTIGO

O termo "distância social" foi primeiramente aplicado por Robert Park e Ernest Burgess em publicação de 1921. Mas foi o pesquisador Leopold von Wiese que, em 1924, apresentou a distância social como elemento básico de toda a Sociologia. Para ele, o "distanciamento não é apenas um aumento, mas é, da mesma forma, uma diminuição da distância". De acordo com von Wiese, a distância social significa o "grau de proximidade ou de afastamento no espaço social". De fato, a vida social é constituída de atos disruptivos (aqueles que podem levar a uma desintegração de um grupo ou de grupos interagentes) e de atos coesivos (aqueles que mantêm o grupo ou grupos). Esses atos que unem ou separam são os processos sociais através dos quais os indivíduos se aproximam ou se afastam dentro de um contexto social (Bernsdorf, 1969, p. 191).

K. Mannheim, em 1957, afirmou corretamente que a distância social é um fenômeno subjetivo, ou seja, ele dependeria da apreciação que um indivíduo ou grupo teria de uma interação qualquer (Mannheim, 1957, p. 48). No entanto, o grande desafio de todos os pesquisadores e também filósofos era entender os "mecanismos" pelos quais os indivíduos se aproximam ou se afastam uns dos outros no espaço social (espaço de interação social). Na verdade, desde os tempos de Aristóteles, tal tema tem sido de grande interesse, embora os resultados, infelizmente, contraditórios.

* Professor Visitante do Departamento de Zoologia da Universidade Federal de Pernambuco. Doutor em Ciências Naturais pela Faculdade de Biologia da Universidade de Bielefeld (Alemanha).

O sociólogo E. Durkheim exemplifica isso com a seguinte afirmação "Todo mundo sabe que amamos aqueles que são similares a nós, uma pessoa que pense e sinta como nós". Mas o fenômeno contrário ocorre de modo não menos freqüente. Acontece comumente nós nos sentirmos atraídos por pessoas que não se assemelham a nós, precisamente porque elas não se assemelham (...). Existem apenas diferenças relativas que tendem, assim, umas para as outras: aquelas que, ao contrário de se oporem e de se excluírem, complementam-se (...) tanto é assim que o teórico (...) tem freqüentemente uma simpatia bem especial para com o homem prático (...) e vice-versa (Durkheim, 1960, p. 17 e 18).

Tal dificuldade teórica da ciência social humana no que concerne a semelhança/dessemelhança e aproximação/separação foi parcialmente contornada pelo estudioso P. Sorokin (1968, p. 224) ao enfatizar que o estudo das características de semelhança e de dessemelhança não poderia ser considerado conclusivo, caso não levasse em consideração o sistema de valores das pessoas ou grupos interagentes.

Deve-se ao pesquisador C. Souto, através de publicação de 1984, a contribuição definitiva pela qual se tornou possível um modelo teórico determinístico para o fenômeno da distância social. Até as idéias deste pesquisador, a semelhança provavelmente atrairia e a dessemelhança provavelmente afastaria. C. Souto, procurando um maior rigor científico (uma proposição determinística e não apenas probabilística), recorreu precisamente à subjetividade do fenômeno para elucidá-lo de uma maneira formal. Para ele, a razão da semelhança e da dessemelhança objetivas terem tão somente a probabilidade de causar uma aproximação ou um afastamento reside na ausência, até aquele momento, de algo que leve em consideração a incapacidade humana de aferir, com perfeição, aquilo que é de fato similar ou dissimilar. Não seria então a semelhança simplesmente que sempre atrairia, mas a *idéia de semelhança* com os padrões que se aceita que levaria *sempre* os indivíduos a se aproximarem. Da mesma forma, a *idéia de dessemelhança* com os padrões aceitos levaria sempre a uma separação no espaço social. A proposição de C. Souto poderia ser resumida¹ da seguinte forma: a *idéia de semelhança* ou *dessemelhança* com os padrões aceitos causa sempre, respectivamente, aproximação ou afastamento no espaço social (espaço da interação social).

O presente artigo, sem negar a importância das explicações funcional e evolutiva, é basicamente uma tentativa de adaptar o modelo teórico causal da sociologia humana, acima mencionado, para a etologia. Nesse sentido, ao nosso entender, duas posições extremas devem ser evitadas: simplesmente aplicar diretamente proposições do comportamento humano para o comportamento animal – o que parece ser inadequado, pois é de aceitação ampla que a realidade mental humana é de uma complexidade diferente daquela existente em outros animais; ou simplesmente ignorar algum grau de semelhança entre o comportamento humano e o de outros animais – uma posição que implicaria na rejeição de uma natureza animal do homem. Assim recusando essas duas posições radicais, este artigo tenta mostrar, através de

adaptação, a possibilidade de se usar uma proposição geral e básica da distância social humana para explicar a distância social entre outros animais.

2. O MODELO SEMELHANÇAS-DESSEMELHANÇAS E O MODELO CUSTOS-BENEFÍCIOS EM SUA APLICAÇÃO ETOLÓGICA

O modelo teórico que procuramos introduzir na etologia é semelhante ao modelo de decisões econômicas dos indivíduos de uma mesma espécie (cálculo de custos e benefícios), no que concerne a possibilidades alternativas de ação – um modelo que foi tomado “emprestado” da ciência econômica moderna e hoje é amplamente utilizado na Etologia.

O presente modelo, no entanto, embora similar àquele da ciência econômica, especialmente porque ambos se baseiam em decisões individuais (e são, portanto, “individualísticos”), parece ser mais abrangente (mais geral) do que o modelo de custos e benefícios. Neste aspecto, não deveria existir nenhuma surpresa, pois ele representa a adaptação à conduta animal de um modelo advindo de uma teoria geral da sociologia, enquanto o outro, representa uma adaptação de um modelo teórico econômico.

O modelo teórico que nós adaptamos para a etologia é baseado na percepção² de similaridades e de dissimilaridades com uma conseqüente e respectiva aproximação ou separação com referência àquilo que se percebe como similar ou dissimilar ao que é “aceito” (ou seja, ao que é recebido favoravelmente = percebido como mais agradável do que desagradável).

Ao invés de usarmos uma linguagem econômica de “custos e benefícios”, usamos uma linguagem mais geral: “percepção”, “similar-dissimilar”, “agradável-desagradável”. Isto parece tornar o modelo mais abrangente.

O novo modelo “individualístico” do qual fazemos uso, devido a ser mais geral, parece também contribuir para evitar uma objeção que é comumente feita contra o seu “primo” (o modelo de custos e benefícios): este último nada diria a respeito dos “mecanismos” pelos quais um animal toma uma decisão perante diferentes possibilidades. Além do mais, esta objeção se encontra ligada ao fato de que ninguém acredita seriamente que um animal calcule os custos e os benefícios de uma ação.

O novo modelo implica na revelação, ao menos parcial, de tais “mecanismos” (causas próximas): simples percepção de semelhanças e dessemelhanças, conseqüente e automática reação de, respectivamente, aproximação ou afastamento quanto ao que é percebido como similar ou dissimilar daquilo que é “aceito” (percebido como mais agradável do que desagradável).³

Deve ser notado que não consideramos a seleção natural como algo sem importância: apenas, por razões de divisão de trabalho científico, a utilização do presente modelo se concentra nas causas próximas. Provavelmente os “mecanismos” mencionados anteriormente possuem, por detrás deles, forças ambientais da seleção natural.

A adaptação de um animal a seu meio também inclui, no campo das causas próximas, o seu ambiente social. Estudar a dominação, a competição e

o conflito social como processos fundamentais de afastamento social e a cooperação como processo básico de aproximação social entre os animais, tem não apenas importância teórica, como ainda prática, naquilo que concerne à sobrevivência deles e à qualidade de vida dos mesmos.

É sabido, por exemplo, que processos de afastamento podem ser positivos, quando relativos à sobrevivência da espécie como um todo. Mas, de um ponto de vista teórico-empírico, a afirmação carece tanto de clareza como de precisão maiores.

O modelo derivado da Sociologia, graças à sua perspectiva teórica causal-redutiva, possibilita visualizar que aqueles processos podem funcionar positivamente *apenas* no sentido de evitarem um afastamento social ainda maior: assim, a dominação pode diminuir a competição e o conflito sociais, e até mesmo o conflito social pode prevenir um conflito ainda maior. O uso daquele "apenas" significaria uma precisão científica não apresentado anteriormente na literatura etológica. Além disso, o novo modelo teórico que adotamos explica porque neles mesmos, a dominação, a competição e o conflito social são sempre processos de afastamento social.

3. CONSEQÜÊNCIAS DA APLICAÇÃO ETOLÓGICA DO MODELO SEMELHANÇAS-DESSEMELHANÇAS

As conseqüências do nosso estudo para a adaptação social dos animais superiores e também para a humana parecem claras: se a dominação, a competição e o conflito social são aumentados para além do que é necessário para se evitar um afastamento ainda maior, o resultado é uma adaptação desajustada dos membros do grupo em relação ao seu meio social. Tal desajuste incluiria condições patológicas pelas quais tanto a sobrevivência quanto a qualidade de vida dos indivíduos poderiam ser afetadas.

Dessa forma, a coesão ou integração do grupo como um todo seria danificada: se processos de afastamento social permitem que apenas alguns indivíduos sejam bem sucedidos, uma diminuição aguda daqueles que são geneticamente e socialmente capazes é perigosa para a sobrevivência da própria espécie.

Uma ótima adaptação do animal ao seu meio social poderia, então, minimizar, até a amplitude necessária, processos de afastamento social (baseados na percepção de dessemelhança) e maximizar processos de aproximação social (baseados na percepção de semelhanças), pois os últimos *sempre* contribuem para a coesão social. A respeito deste último ponto, a teoria de custos e benefícios já assinalou que na "reciprocidade" ou "cooperação" existe recompensa mútua (Krebs and Davies, 1984, p. 33 e 37-38).

Como se aceita em Etologia que o comportamento dos indivíduos é geralmente egoísta e, portanto, não é orientado para o benefício do grupo (Krebs and Davies, 1984, p. 37), uma explicação teórica causal do afastamento social parece de grande importância. E, mesmo que os animais sejam considerados como estando, em geral, bem adaptados ao seu meio (Krebs and Davies, 1984, p. 38), uma má-adaptação é, por outro lado, decerto um fenômeno

importante e digno de ser cientificamente explicado, inclusive pela Etologia Social.

O conceito de distância individual, que representa, segundo Immelmann (1982, p. 60-61 e 118-119), o evitar de contato corpóreo entre indivíduos de uma mesma espécie, com o máximo de aproximação possível sem agressão ou afastamento, e o conceito de distância social, visto por G. McBride (1971, p. 58), como a distância máxima na qual um indivíduo se separa do grupo, são usados sem uma abrangência teórica suficiente: eles se restringem ao espaço físico e a "distância social" excluiria as relações sociais interindividuais.

A nosso ver, a "distância social" não se identifica com a "distância física", embora a "distância física" possa ser usada como um indicador secundário para a distância social. A razão da diferença entre as duas "distâncias" é simples: dois animais podem se aproximar fisicamente com o objetivo de agressão (não se pode dizer, desse modo, que os animais conflitantes estão socialmente próximos um do outro). Assim, um indicador confiável de distância social, no sentido de afastamento social, seria o comportamento agonístico. De fato, se reconhece tradicionalmente que "o grupo é uma unidade de reduzida agressividade" (G. McBride, 1971, p. 58). Haveria uma relação inversa entre agressividade e aproximação social.

Por outro lado, não parece haver nenhuma vantagem teórica visível em se excluírem as interações sociais interindividuais do conceito de distância social. Muito pelo contrário, parece ser teoricamente conveniente incluí-las no conceito, pois elas são fundamentais para se entenderem os processos de distância social. Por este motivo, empregamos um novo e mais abrangente conceito de distância social animal.

Tal conceito inclui tanto a aproximação social quanto o afastamento social e é mais abrangente do que o conceito etológico usual da "atração social" (ver Immelmann, 1982, p. 215), por envolver tanto a atração quanto a repulsão entre animais sócio-interagentes.

4. CONCLUSÃO

No que concerne a uma comparação final entre o modelo de custos e benefícios e aquele que pretendemos adotar, parece não haver nenhuma dúvida razoável de que os animais *perceberiam* com maior facilidade do que poderiam "calcular".

Eibl-Eibesfeldt menciona alguns dados empíricos onde poderíamos localizar a percepção de clara dissimilaridade (uma percepção que causaria reação de expulsão – um tipo de afastamento entre animais sócio-interagentes). Esses dados são os seguintes: "Th. Schjelderup-Ebbe (1922) notou que as galinhas atacam furiosamente, e podem matar, os indivíduos anormais do grupo (por debilidade ou deficiência física). Eibl-Eibesfeldt registra que ele podia provocar tal reação ao pintar uma mancha na crista de uma galinha. Ch. Kearton (1935) faz referência a como três pinguins com a coloração irregular

eram continuamente atacados por outros pinguins. J. van Lawick-Goodall (1971) observou que os chimpanzés receavam, evitavam e até mesmo atacavam os companheiros cujo comportamento havia sido alterado pela paralisia infantil. De acordo com K. Schlosser (1952), o homem também tende a rejeitar os membros do grupo desviantes da norma: na escola ou no serviço militar é possível notar-se que as pessoas que são corpulentas, vesgas ou que possuem costumes estranhos são zombadas, molestadas e, algumas vezes, mal-tratadas" (Eibl-Eibesfeldt, 1974, p. 394).

O princípio da percepção de semelhança-dessemelhança – com as respectivas implicações de agradabilidade-desagradabilidade causando aproximação ou afastamento – tem afinidade, através das implicações mencionadas, com o princípio dos custos e benefícios, mas tem a vantagem teórica de ser mais elucidativo (mais abrangente) que o último (com um aumento da sua força explicativa).

Neste artigo, procuramos basicamente uma maneira de esclarecer, de uma forma simples e geral, os "mecanismos" que levam a uma separação ou aproximação social. A aplicabilidade da teoria da distância social desenvolvida nas ciências sociais parece ser claramente possível.

Vamos considerar, como ilustração, dentro da Biologia, o seguinte: um animal "x" não "tolera" o comportamento de corte de um outro animal ("y"). Este tipo de comportamento é bastante óbvio em muitos grupos de animais e nos leva ao fato de que a conduta social de "y" é percebida por "x". No cérebro de "x" ocorreria uma comparação entre aquilo que é percebido e aquilo que é "aceito".⁴ Isso significa uma comparação entre uma informação externa e uma interna. Na possibilidade da informação externa não coincidir com a interna (como aconteceria no exemplo acima), essa primeira é "rejeitada" pelo animal. Tal "rejeição", que ocorre no íntimo do animal, tem consequências sociais no momento em que se exterioriza. A rejeição do comportamento alheio acarreta uma separação social. O oposto, isto é, uma aproximação social, ocorre quando a informação externa se harmoniza com a interna. O que foi exposto acima pode ser resumido com as seguintes palavras: a percepção de similaridade ou dissimilaridade com aquilo que é aceito por um animal causa, respectivamente, aproximação ou separação social.

Embora a aplicabilidade daquela teoria ao comportamento social de animais superiores pareça ser perfeitamente possível, um estudo sistemático do seu uso é desejável. Também pertinente a futuras investigações seria a ligação entre a teoria mencionada e parâmetros fisiológicos (como os hormônios, por exemplo).

NOTAS DE REFERÊNCIAS

- 1 Para os propósitos deste artigo, que levará em consideração o comportamento social animal, não há necessidade de um aprofundamento maior na teoria daquele autor (veja-se Souto, 1984, p. 28, 47, 136, 138, 140; 1987, p. 20-26).
- 2 Mesmo que muitos biólogos duvidem da possibilidade de animais superiores se-

rem inteligentes, parece não haver nenhuma dúvida razoável de que eles possuam uma percepção. Eles até parecem possuir consciência daquilo que os circunda (consciência direcionada a objetivos). Certamente não são máquinas (cf. Augros e Stanciu, 1988, p. 110 e 111).

É interessante notar que a literatura etológica pode referir-se a conceitos bastante abstratos, embora os colocando entre aspas, como os da distribuição de "direitos" e "obrigações", no tocante a hierarquia animal (ver Immelmann, 1982, p. 111). Algumas vezes as aspas são até mesmo esquecidas (ver, por exemplo, referindo-se a decisões a serem feitas pelo indivíduo, Krebs e Davies, 1984, p. 66). Confronte-se ainda, sobre o assunto, especialmente Hendrichs, 1985, p. 66 e *passim*, 1984, p. 156-157, 1983, p. 746-749.

- 3 Isto parece mais preciso do que simplesmente afirmar sobre os animais e esses "mecanismos": "Talvez se comportem segundo simples regras de experiência, que os leva a uma reação correta" (Krebs and Davies, 1984, p. 85).
- 4 Notar que aquilo que é "aceito" pode ser fruto de herança genética ou de aprendizagem, mas em qualquer um dos dois casos, como lembra Manning, existe a influência da experiência (Manning, 1979, p. 140).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUGROS, E. e STANCIU, G. *Die Neue Biologie*. Tradução para a língua alemã de Marcus Würml. Bern, München, Wien: Scherz Verlag, 1988.
- BERNSDORF, W. "Soziale Distanz". In *Wörterbuch der Soziologie*, W. Bernsdorf (Hrsg.), pp. 191-195. Stuttgart: Ferdinand Enke Verlag, 1969.
- DAVIES, N.B. e KREBS, J.R. *Einführung in die Verhaltensökologie*. Tradução para a língua alemã de Henning Engels. Stuttgart: George Thieme Verlag, 1984.
- DURKHEIM, E. *De la Division du Travail Social*. Paris: Presses Universitaires de France, 1960.
- HENDRICHS, H. "On the Evolution of Social Structure in Mammals". *Advances in the Study of Mammalian Behavior*, J.F. Eisenberg and D.G. Kleiman (eds.), The American Society of Mammalogists: 1983, p. 738-750. (Special Publication number 7).
- HENDRICHS, H. "Abweichendes Sozialverhalten bei höheren Wirbeltieren". In Beiträge zur Rechtsanthropologie (Vorträge auf der Tagung der Deutschen Sektion der IVR, Bielefeld, 10. bis 12. Oktober 1984), ARSP, Beiheft Nr. 22, E.-J. Lampe (Hrsg.), Wiesbaden: Franz Steiner Verlag, 1984, p. 149-157.
- HENDRICHS, H. "Zu möglichen Vorformen des menschlichen Rechtsgefühls bei höheren Tieren". In *Das sogenannte Rechtsgefühl, Jahrbuch für Rechtssoziologie und Rechtstheorie* 10., E.-J. Lampe (Hrsg.). Opladen: Westdeutscher Verlag, 1985, p. 57-70.
- IMMELMANN, K. "Distanztiere", "Hierarchie", "Individualdistanz". In *Wörterbuch der Verhaltensforschung*, Berlin: Parey, 1982, p. 60-61, 111, 118-119.
- MANNEIM, K. *Systematic Sociology, An Introduction to the Study of Society*. London: Routledge & Kegan Paul, 1957.
- MANNING, A. *Introdução ao Comportamento Animal*. Tradução de F.L. Ribeiro e R. Pazera. Rio de Janeiro, São Paulo: Livros Técnicos e Científicos Editora, 1979.
- McBRIDE, G. "Theories of Animal Spacing: The Role of Flight, Fight and Social Distance". In *Behavior and Environment*, Aristide H. Esser (Ed.), New York, London: Plenum Press, 1971, p. 53-68.
- SOROKIN, P.A. *Sociedade, Cultura e Personalidade, sua Estrutura e sua Dinâmica, Sistema de Sociologia Geral*. Tradução: Prof. João Baptista Coelho Aguiar e Leonel Vaillandro. Porto Alegre: Editora Globo, 1968, v. 1..
- SOUTO, C. *Allgemeinste wissenschaftliche Grundlagen des Sozialen*. Wiesbaden: Franz Steiner Verlag, 1984.
- SOUTO, C. *O que é Pensar Sociologicamente*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda., 1987.

